

PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS: uma análise em um laboratório clínico

SOCORRO AUXILIADORA DA SILVA MENEZES
FACULDADE LUCIANO FEIJÃO

MARIA DO SOCORRO SILVA MESQUITA

ROGEANE MORAIS RIBEIRO

TICIANA PARENTE
FACULDADE LUCIANO FEIJÃO

CELLYNEUDE DE SOUZA FERNANDES

Introdução

O consumo desenfreado do ser humano tem sido prejudicial ao meio ambiente, se agravando após o desenvolvimento da sociedade capitalista, que causou problemas socioambientais (SOUZA; ARMADA, 2017). Desde o final do século XX, a sociedade ficou mais consciente da importância ambiental, e, o respeito ao meio ambiente se tornou uma pauta presente em discussões políticas e empresariais, ganhando notoriedade, principalmente em pesquisas acadêmicas.

Problema de Pesquisa e Objetivo

Como os laboratórios clínicos podem contribuir com a adoção de práticas para a sustentabilidade? Assim, o objetivo desse trabalho consiste em analisar as práticas de sustentabilidade adotadas em um laboratório clínico de Sobral – CE.

Fundamentação Teórica

Questões sociais e ambientais se tornaram um tema bastante discutido pela sociedade desde o final do século XX. Nesse cenário, as organizações desenvolveram ações voltadas para a sustentabilidade, surgindo a responsabilidade social corporativa. Além disso, as empresas estão cada vez mais conscientes de sua função social, sendo consequência das pressões sociais que o público exerce para observar as empresas de forma aprofundada (ANDRADE; CASTRO, 2018).

Metodologia

O estudo se classifica como uma pesquisa qualitativa, por ter o objetivo de extrair dos entrevistados seus pensamentos e posicionamentos livremente ditos a respeito das práticas sustentáveis de um laboratório clínico. A pesquisa foi conduzida pelo método de estudo de caso considerando o contexto do Laboratório Clínico de Sobral – CE (LACLISO), devido esse ser referência na cidade, possuindo bastante tempo de atuação e ser do conhecimento da autora que esse laboratório tem práticas sustentáveis.

Análise dos Resultados

A fim de preservar a identidade dos respondentes, esse foram identificados como x, y e z. As respostas a respeito de cada pergunta são evidenciadas em quadros que leva em consideração o respondente e a resposta dada. Inicialmente, os respondentes foram questionados sobre quando a sustentabilidade passou a ser foco da organização. Quanto às práticas de proteção ambiental, observa-se a dificuldade da empresa em adotar ações voltadas para o 3R's (redução, reutilização e reciclagem), devido a possibilidade dos materiais descartados estarem contaminados.

Conclusão

O estudo atingiu seu objetivo ao analisar as práticas sustentáveis em um laboratório de Sobral – CE. Observa-se que as ações voltadas para a proteção ambiental, ecoeficiência, gestão de resíduos sólidos e de risco ambiental, percebendo-se um alinhamento com a dimensão ambiental do tripé da sustentabilidade. Além disso, foi notório que essas práticas trouxeram benefícios para a empresa, não se limitando apenas a melhoria da percepção pública, mas também à redução de gastos.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. C.; CASTRO, H. C. A sustentabilidade empresarial e as relações públicas. 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Helder_Castro5/publication/330551188_A_SUSTENTABILIDADE_EMPRESARIAL_E_AS_RELACOES_PUBLICAS/links/5f6bc...SUSTENTABILIDADE-EMPRESARIAL-E-AS-RELACOES-PUBLICAS.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Helder_Castro5/publication/330551188_A_SUSTENTABILIDADE_EMPRESARIAL_E_AS_RELACOES_PUBLICAS/links/5f6bc...). Acesso em: 14 abr. 2022. SOUZA, M. C. S. A.; ARMADA, C. A. S. Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade: Evolução Epistemológica na Necessária Diferenciação entre Conceitos. Revista Direito e Sustentabilidade, v. 3, n. 2, p. 17-35, jul./dez 2017.

Palavras Chave

Desenvolvimento sustentável, Triple bottom line, Laboratórios Clínicos

Agradecimento a órgão de fomento

À Faculdade Luciano Feijão pelo suporte para a realização da pesquisa.

PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS: uma análise em um laboratório clínico

1 INTRODUÇÃO

O consumo desenfreado do ser humano tem sido prejudicial ao meio ambiente, se agravando após o desenvolvimento da sociedade capitalista, que causou problemas socioambientais (SOUZA; ARMADA, 2017). Desde o final do século XX, a sociedade ficou mais consciente da importância ambiental, e, o respeito ao meio ambiente se tornou uma pauta presente em discussões políticas e empresariais, ganhando notoriedade, principalmente em pesquisas acadêmicas.

A vasta literatura sobre a aplicação da sustentabilidade nas organizações é resultado de diversos acontecimentos que demonstram preocupação com as mazelas provenientes do desenvolvimento socioeconômico (PEREIRA; SILVA; CARBONARI, 2011; SACHS, 2004). No final do século XX, diversos encontros mundiais foram organizados para discutir formas de utilização sustentável de recursos naturais para o século seguinte, uma das mais importantes foi a Conferência das Nações Unidas de 1972, que resultou na Declaração de Estocolmo, evento preponderante para popularizar a sustentabilidade (CORREIA; DIAS, 2016).

A sustentabilidade é composta por um tripé, o *triple-bottom-line*, que envolve o economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente correto (SACHS, 2004; FROEHLIC; BITTENCOURT, 2017), esse conceito é aplicável às organizações, tendo em vista que, empresas sustentáveis, podem obter lucro. Dessa forma, as empresas foram orientadas a manterem uma gestão de stakeholders baseada em ética e na transparência, com o intuito de geração de receitas.

Além de orientações oriundas de encontros governamentais, as empresas buscam a sustentabilidade como forma de estratégia de divulgação e atração de clientes, pois, a sociedade está mais consciente de importância do tema, e, ser sustentável se tornou um princípio ético (OLIVEIRA et al., 2018). Não obstante, algumas organizações podem se utilizar desse discurso para inibir boicotes, ao passo que omitir ou repassar informações falsas sobre suas práticas sustentáveis será irreparavelmente antiético por parte da empresa (SANTOS; WEBER, 2020).

A indústria é tida como uma das maiores vilãs para o meio ambiente, estando associada ao consumo desenfreado (SOUZA; ARMADA, 2017; PEREIRA; SILVA; CARBONARI, 2011; SACHS, 2004), todavia, o setor de serviços também foi impactado com normas e pressões sociais para proteção ambiental. Ou seja, empresas de serviços que desejarem ser sustentáveis precisam desenvolver ou apoiar a criação de programas ambientais, sobretudo práticas internas.

Com base no exposto, a presente pesquisa visa responder o seguinte questionamento: Como os laboratórios clínicos podem contribuir com a adoção de práticas para a sustentabilidade? Assim, o objetivo desse trabalho consiste em analisar as práticas de sustentabilidade adotadas em um laboratório clínico de Sobral – CE.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O TRIPÉ DA SUSTENTABILIDADE

Questões sociais e ambientais se tornaram um tema bastante discutido pela sociedade desde o final do século XX. Nesse cenário, as organizações desenvolveram ações voltadas para a sustentabilidade, surgindo a responsabilidade social corporativa. Além disso, as empresas estão cada vez mais conscientes de sua função social, sendo consequência das pressões sociais que o público exerce para observar as empresas de forma aprofundada (ANDRADE; CASTRO, 2018).

As propostas para modelos de desenvolvimento existente, abordam diversas dimensões da sustentabilidade, tais como: cultural, ecológica, econômica, social, entre outros. Entretanto, esses agrupamentos são relacionados com a percepção de quem as relatas, e que, ao serem detalhadas, apontam para o “*triple-bottom-line*”, ou “tripé da sustentabilidade” (SANTOS; WEBER, 2020).

O tripé da sustentabilidade foi criado na década de 1990, e defende o agrupamento da sustentabilidade em três dimensões: econômica, ambiental e social (ELKINGTON, 1994). Na dimensão econômica, as organizações devem permanecer viáveis e atraentes para investidores ao adotar práticas sustentáveis; na ambiental, a organização deve interagir com o meio ambiente de forma respeitosa, reduzindo ao máximo os danos, utilizando recursos renováveis; por fim, na dimensão social, as organizações devem estabelecer uma relação amistosa com suas “*stakeholders*”, sobretudo, colaboradores.

Nesse contexto, o quadro 1 caracteriza cada “P” do *triple-bottom-line*:

Quadro 1 - Dimensões da sustentabilidade

DIMENSÃO	CARACTERÍSTICAS
“ <i>People</i> ”	Socialmente justo. Formato como o capital humano é tratado dentro e fora da empresa, abrangendo salários, direitos trabalhistas, exigências de cumprimento de normas trabalhistas por fornecedores, projetos voltados ao colaborador, entre outros.
“ <i>Planet</i> ”	Ambientalmente correto. Aborda o papel da organização no meio ambiente, buscando atenuar ou compensar suas atividades. Utilização de recursos renováveis. Seria uma gestão mais prudente dos recursos naturais, buscando uma produção mais limpa e enxuta.
“ <i>Profit</i> ”	Economicamente viável. Refere-se aos resultados financeiros, afastando a ideia de que ao adotar a responsabilidade social e ambiental, as empresas teriam sua lucratividade anulada ou reduzida.

Fonte: Fernandes (2016); Dias (2017); Froehlich e Bitencourt (2016).

As três dimensões lidam diretamente como o bem-estar, a primeira dos trabalhadores e da sociedade em geral, a segundo do meio ambiente e a terceira da empresa (DIAS, 2017). Nesse contexto, ressalta-se a importância social das empresas em garantir uma melhor qualidade de vida para a sociedade como um todo.

Dessa forma, a Responsabilidade Social Corporativa (RSC) é um modelo de negócios autorregulado que ajuda uma empresa a ser socialmente responsável perante si mesma, seus *stakeholders* e o público. Ao praticar a responsabilidade social corporativa, também chamada de cidadania corporativa, as empresas podem ter consciência do tipo de impacto que estão causando em todos os aspectos da sociedade, incluindo econômico, social e ambiental (FERNANDO, 2022).

Ashley (2003) defende que a visão tradicional proposta por Milton Friedman – a única função social da entidade é a maximização do lucro conforme as expectativas de seus acionistas – tem sido alterada por meio da responsabilidade social. E, atualmente, as empresas estão mais conscientes das necessidades de suas *stakeholders*, ou seja, uma empresa socialmente responsável, é aquela que abrange os interesses de suas partes interessadas. Nesse sentido, a autora propõe uma relação entre orientações, objetivos e a esfera do *triple-bottom-line*, conforme o quadro 2.

Quadro 2 - Necessidades das *Stakeholders* de uma empresa.

ORIENTAÇÃO	OBJETIVO	ESFERA
Acionistas	Maximização do Lucro	Econômica
Estado/Governo	Cumprimentos das leis	Social/Ambiental
Empregados	Rever e atrair funcionários qualificados	Social
Comunidade	Relacionamento socialmente sustentável com a comunidade em que se insere.	Social

Fornecedores e clientes	Relações éticas, prezando pelo bem-estar	Social/Ambiental
Ambiente Natural	Desenvolvimento sustentável	Ambiental
Elaboração de Relatórios	Balanco social e evidenciação de resultados	Econômica/Social/Ambiental

Fonte: Ashley (2003).

As empresas que adotam a responsabilidade social corporativa geralmente são organizadas de uma maneira que as capacita a ser e agir de maneira socialmente responsável. É uma forma de autorregulação que pode ser expressa em iniciativas ou estratégias, dependendo dos objetivos de uma organização (STOBIESKI, 2021). Engajar-se em RSC significa que, no curso normal dos negócios, uma empresa está operando de forma a melhorar a sociedade e o meio ambiente, em vez de contribuir negativamente para eles (FERNANDO, 2022).

2.2 PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE DAS EMPRESAS

Tradicionalmente, as organizações direcionam seus esforços para a obtenção de lucros. Entretanto, com o aumento da exigência dos consumidores para a criação de indicadores sociais e ambientais, as empresas se sentiram pressionadas a avaliar impactos de suas atividades aos seus *stakeholders*, se baseando no tripé da sustentabilidade (DIAS, 2017).

Inúmeras razões motivam as empresas a tomarem decisões sustentáveis. Alguns estão vinculando essas iniciativas a estratégias de *branding* e imagem, enquanto outros veem a sustentabilidade como um elemento-chave em suas tentativas de cortar custos ou se diferenciar dos concorrentes. Além da construção da marca, muitas empresas também estão integrando a sustentabilidade em suas declarações de valor (GALPIN; WHITTINGTON, 2017).

Em seu caminho para modelos de negócios sustentáveis, as organizações precisam implementar o *triple-bottom-line* em seus processos estratégicos (BONN; FISCHER, 2019). Para alcançar essa integração, a própria estratégia deve estar alinhada com os valores organizacionais, e as necessidades e desejos das partes interessadas devem ser integrados ao passado, presente e futuro da organização. Como tal, a estratégia de sustentabilidade está focada na integração bem-sucedida da organização na rede geral da sociedade. Isso requer total integração das necessidades sociais, do ambiente natural e dos imperativos de negócios correspondentes no ambiente da organização, seu processo, estrutura e cultura.

As iniciativas de sustentabilidade nas organizações podem, por exemplo, ser uma poderosa ferramenta de *marketing*, ajudando uma empresa a se posicionar favoravelmente aos olhos de consumidores, investidores e reguladores. Além disso, melhoram o engajamento e a satisfação dos funcionários — medidas-chave que impulsionam a retenção. Essas iniciativas podem até atrair funcionários em potencial que carregam fortes convicções pessoais que combinam com as da organização (STOBIESKI, 2021).

Nesse contexto, os esforços de sustentabilidade precisam se tornar parte integrante da estratégia de negócios se quiserem fornecer valor de longo prazo tanto para a organização quanto para a sociedade (GALPIN; WHITTINGTON, 2017). Dessa forma, os líderes são incentivados a mudar a visão de sucesso da organização de uma medida baseada na economia para uma baseada na sustentabilidade.

As empresas são motivadas a incluir atividades sociais e ambientais em seus negócios para serem consideradas legítimas seguindo normas e regulamentos nacionais, locais e industriais. Além disso, como afirmam Husted e Allen (2011), as empresas participarão de atividades responsáveis e sustentáveis para imitar seus concorrentes e, assim, preservar sua legitimidade social, construir uma reputação, evitar percepções negativas e garantir a sobrevivência a longo prazo da organização.

O caminho para os esforços de sustentabilidade bem-sucedidos depende de fatores organizacionais “macro” e “micro”. A combinação desses fatores fornece à administração uma abordagem poderosa que envolve a força de trabalho em empreendimentos de sustentabilidade, resultando em um desempenho de sustentabilidade positivo em nível de funcionário e em nível organizacional (GALPIN; WHITTINGTON, 2017).

Além disso, em 2010, o Brasil aprovou a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS) visando o desenvolvimento sustentável e o compartilhamento de responsabilidades, atingindo diretamente as organizações, quanto ao descarte e a reutilização de resíduos. Nesse sentido, a resolução 306/2004 regulamenta o descarte de serviços de saúde, dando ênfase na responsabilidade da vigilância sanitária sobre o assunto, além disso, em 2011, após a PNRS, a incineração do descartado por serviços clínicos foi desobrigada (BRASIL, 2010).

Nesse contexto, embora as práticas de sustentabilidade estejam muito ligadas ao setor industrial, infere-se que as implicações inerentes a elas sejam necessárias em diversos tipos de empresas. Dessa forma, é interessante observar como as empresas do setor de serviços, tais como laboratórios tratam esse tema.

2.3 PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE NO SETOR DE SERVIÇOS

A sustentabilidade se tornou um tema muito discutido nas organizações. Após diversas conferências mundiais ocorridas no final do século XX, as organizações sofreram readequações a fim de acompanhar a criação de normas e regulamentos ambientais, somados a pressões de organismos internacionais e da sociedade civil a fim de adotar as práticas sustentáveis (SANTOS; WEBER, 2020). Nesse contexto, empresas do setor de serviços, que são as maiores fontes de emprego e renda na maioria dos países, também passaram por adaptações.

Em outubro de 2021 o setor de serviços correspondia a 66% dos empregos formais no Brasil (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA, 2022). Embora não seja vista como uma atividade tão nociva ao meio ambiente quanto às indústrias (SOUZA; ARMADA, 2017; PEREIRA; SILVA; CARBONARI, 2011; SACHS, 2004), as empresas do setor necessitam de uma gestão ambiental correta, adotando práticas sustentáveis, a fim de reduzir o impacto ambiental e atender as normas legais e sociais.

As pressões sociais para ações sustentáveis refletem no comportamento do mercado. Em 2018, 89% dos consumidores brasileiros preferiam comprar produtos ou serviços de organizações sustentáveis, de acordo com pesquisa divulgada pelo Jornal O Globo (2019). Esse cenário concorda como o de Stobierski (2021) quanto à sustentabilidade como estratégia de sobrevivência empresarial.

Atualmente diversas empresas se utilizam de mecanismos de gestão de relacionamento com os *stakeholders*, envolvendo clientes, funcionários, fornecedores e o público que pode afetar ou ser afetado pela organização. Esses mecanismos não podem ser padronizados, tendo de respeitar as particularidades de cada organização, sendo subjetivas (BISSACOT; OLIVEIRA, 2016).

A prática de gestão da sustentabilidade em empresas do setor de serviços tem forte relação tanto com a cultura organizacional quanto com a consciência de sustentabilidade dos colaboradores. No entanto, a cultura organizacional apenas medeia a relação entre a consciência da sustentabilidade e o contexto legal de cada país (ORIADE et al. 2021).

Para Freitas (2020), a mensuração da sustentabilidade em processos laboratoriais utiliza indicadores que permitam comparação processos e situação, relevando o cumprimento ou não de metas e objetivos sustentáveis, advertindo e antecipando situações. Dessa forma, auxiliam na tomada de decisão. Nesse contexto, Uilani (2011) propõe os seguintes indicadores para se avaliar a sustentabilidade em laboratórios clínicos, conforme o quadro 3.

Quadro 3 - Indicadores de sustentabilidade para laboratórios

AGRUPAMENTO	INDICADORES
Indicadores da dimensão ambiental	<ul style="list-style-type: none"> - Consumo de papéis por mês; - Consumo de energia elétrica (kVA) por mês/número de exames realizados por mês; - Consumo de água (m³) por mês/número de exames realizados por mês. - Consumo de gás (m³) por mês/número de exames realizados por mês. - Resíduos gerados (kg) por mês/número de exames realizados por mês. - Quantidade de material reciclado por mês/número de exames realizados por mês. - Quantidade de lâmpadas de mercúrio trocadas e descartadas/mês.
Indicadores funcionais	<ul style="list-style-type: none"> - Empregos diretos gerados; - Admissões/ano; - Demissões/ano; - Absenteísmo; - Horas extras/mês.
Indicadores sociais	<ul style="list-style-type: none"> - Ações culturais promovidas por ano; - Parcerias efetuadas com organizações não governamentais por ano; - Ações filantrópicas efetuadas por ano; - Eventos socioambientais patrocinados por ano; - Carga de treinamentos realizados/mês.
Indicadores da dimensão econômica	<ul style="list-style-type: none"> - Exames realizados por mês; - Valor total das vendas por mês; - Aplicações em dinheiro realizadas por mês. - Receita mensal; - Impostos e taxas pagos ao governo por mês.
Indicadores de segurança no trabalho	<ul style="list-style-type: none"> - Número de acidentes do trabalho com e sem afastamentos por mês; - Taxa de frequência = no de comunicado de acidente do trabalho (CAT) × 106/no total de horas homem trabalhadas; - Taxa de gravidade = no de dias de afastamento × 106/no total de horas homem trabalhadas; - Número de brigadistas formados; - CAT: número de comunicado de acidente do trabalho/mês.

Fonte: Adaptado de Uilani (2011).

Nesse contexto, observa-se que os indicadores se subdividem em agrupamentos semelhantes ao *triple-bottom-line* (ELKINGTON, 1994), acrescentando indicadores funcionais e de segurança de trabalho, o que poderia ser agrupado na dimensão social. Conforme o exposto, sugere-se que a adoção de práticas sustentáveis é benéfica para os laboratórios clínicos.

Não obstante os resíduos sólidos gerados pelos serviços de saúde recebem uma classificação feita pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), que o subdivide em cinco grupos, de acordo com cada tipo de risco:

Quadro 4 - Classificação dos resíduos sólidos em serviços de saúde

GRUPO	RISCO	CARACTERÍSTICAS
A	Biológico	Oriundos de manipulação genética, microorganismos, vacinação, hemocomponentes, entre outros. Deve ser acondicionado pelo gerador em saco branco leitoso com símbolo de risco infectante.
B	Químico	Medicamentos, cosméticos, reagentes, produtos sanitários, entre outros. O gerador deve efetuar a correta segregação, identificação e o acondicionamento, que deverá

		ser feito levando em conta a incompatibilidade química dos materiais, para evitar acidentes.
C	Radioativo	Não coletar e nem tratar o resíduo.
D	Doméstico	Destinado ao setor público.
E	Cortante	Acondicionados no local de sua geração em embalagens estanques, resistentes a punctura, ruptura, vazamento e devidamente identificado através do símbolo de risco correspondente.

Fonte: CONAMA (2014).

Nesse sentido, observa-se que os laboratórios clínicos possuem cinco tipos de resíduos, cada um associado a um risco, necessitando de um tratamento diferenciado. Ressalta-se que, além da preservação da saúde e qualidade de vida de seus clientes e funcionários, uma boa gestão de resíduos transparecerá cuidado e qualidade no serviço prestado, sendo essencial.

3 METODOLOGIA

O estudo é classificado como pesquisa qualitativo que possui a finalidade de extrair das entrevistas suas percepções e posicionamentos relacionadas à sustentabilidade em um laboratório clínico. De acordo com Gil (2016) a pesquisa qualitativa objetiva a interpretação dos dados para compreender o fenômeno e os elementos que permeiam o ambiente em busca de respostas.

A pesquisa foi conduzida pelo método de estudo de caso considerando o contexto do Laboratório Clínico de Sobral – CE (LACLISO), devido esse ser referência na cidade, possuindo bastante tempo de atuação e ser do conhecimento da autora que esse laboratório tem práticas sustentáveis. Esse estudo foi conduzido em um contexto onde o método aplicado envolveu o aprofundamento das respostas, consoante (YIN, 2010).

A entrevista foi utilizada como técnica para a coleta de dados e o instrumento empregado foi um roteiro semiestruturado. Foram realizadas três entrevistas com três gestores: Diretor Geral, Diretora de Qualidade e Sustentabilidade e Diretor Administrativo. O método aplicado na entrevista possibilita que os entrevistados possam apresentar sua percepção sobre algo com um maior aprofundamento (GIL, 2016). As entrevistas foram individuais, gravadas e realizadas no local de trabalho dos entrevistados, conforme a disponibilidade de cada um. Com o intuito de preservar o anonimato dos respondentes, foram identificados por letras.

Os resultados foram tabulados em formato de texto, organizados em tabelas correspondentes a cada questão predefinida, a fim de direcionar as perguntas ao assunto proposto, evitando fugas do tema (GIL, 2016). Para análise dos dados, será realizada uma análise de conteúdo, na qual, para Bardin (2016), consiste em analisar mensagens presentes em documentos ou colhidas em entrevistas, considerando o discurso empregado, bem como a disposição e os termos utilizados na entrevista.

3.1 LÓCUS DA PESQUISA

O laboratório em que foi desenvolvida a pesquisa é um dos mais tradicionais do município de Sobral, sediado no Centro da cidade, foi fundado em 1974 pelo médico Diogo Parente, se tornando referência em exames laboratoriais em todo Norte do Ceará. Foi o primeiro laboratório da região a realizar o teste do pezinho e exame de DNA, firmando parcerias com laboratórios de reconhecimento nacional e internacional, tais como o Diagnósticos do Brasil (DB) e o Instituto Hermes Pardini, prezando pela melhor qualidade no atendimento (LACLISO, 2022).

O laboratório possui diversas certificações de qualidade, tais como: o ISO 9001, que atesta a existência de uma Sistema de Gestão da Qualidade robusto; ISO 17.025 que atesta a qualidade voltada exclusivamente para laboratórios clínicos; e a certificação PALC (Programa

de Acreditação de Laboratórios Clínicos). Além disso, todas as licenças sanitárias e de funcionamento são rigorosamente cumpridas.

Atualmente, a empresa passa por um período de expansão, descentralizando seus pontos de coletas para diversos locais de Sobral e região. Hoje, o LACLISO possui 16 pontos de coleta, sendo 06 em Sobral (05 na sede; e um no distrito de Aracatiaçu) e em 10 municípios da macrorregião do Noroeste Cearense, sendo eles: Forquilha, Reriutaba, Moraújo, Frecheirinha, Groaíras, Mucambo, Tianguá, Santana do Acaraú, Meruoca e Massapê. Além disso, introduziu novos serviços nas áreas de Hematologia, Microbiologia, Imunologia, entre outras.

Nesse contexto, o laboratório é consciente da importância da sustentabilidade como resposta contínua para as mudanças cada vez mais presentes na sociedade atual, por isso, possui programas voltados para a sustentabilidade, tais como o “Momento Verde”, em que uma vez por mês são distribuídas mudas de plantas medicinais do laboratório (LACLISO, 2022).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fim de preservar a identidade dos respondentes, esse foram identificados como x, y e z. As respostas a respeito de cada pergunta são evidenciadas em quadros que leva em consideração o respondente e a resposta dada. Inicialmente, os respondentes foram questionados sobre quando a sustentabilidade passou a ser foco da organização. Com as respostas evidenciadas no quadro 4.

Quadro 4 - Quando a sustentabilidade passou a ser foco na organização?

RESPONDENTE	RESPOSTA
X	<i>Passamos a ter ações mais detalhadas sobre sustentabilidade após a pandemia de COVID-19, onde percebemos um cenário de mudança em escala mundial e local, quando as pessoas começaram a se preocupar mais com o meio ambiente, sobretudo reservas de oxigênio.</i>
Y	<i>Sempre prezamos pelo bom uso dos recursos, visando respeito ao meio ambiente e cidadania.</i>
Z	<i>Consideramos a natureza um dom de Deus e algo muito importante para o desenvolvimento de nossos negócios, possuímos um setor específico sobre qualidade e ações sustentáveis.</i>

Fonte: pesquisa direta (2022).

Observa-se que a sustentabilidade era considerada na instituição há bastante tempo, conforme Y e Z, porém, após a pandemia ganhou mais destaque, com ações mais detalhadas sendo desenvolvidas. A fala de X ressalta o aumento da preocupação das pessoas com o meio ambiente durante esse período de crise, o que reforça a ideia de que as pessoas estão mais conscientes da importância da sustentabilidade. Esse cenário também pode ser reflexo das pressões da sociedade para que as empresas prestassem contas sobre a adoção de práticas sustentáveis, conforme Andrade e Castro (2018). Em seguida, os gestores são questionados a respeito da proteção ambiental no laboratório, focando na geração de lixo e reaproveitamento de materiais utilizados, com as respostas sendo evidenciadas no quadro 05.

Quadro 5 - Proteção ambiental

RESPONDENTE	RESPOSTA
X	<i>Utilizamos de materiais poluentes, por ser inerentes aos laboratórios clínicos, mas eles são descartados de forma adequada, seguindo rigorosamente normas de órgãos responsáveis como a secretária do meio-ambiente. Nosso material produzido, boa parte não pode ser reaproveitada.</i>

Y	<i>Nosso principal projeto de proteção ambiental seria o programa “momento verde” em parceria com o município de Sobral. Além disso, plantamos árvores em nossas dependências.</i>
Z	<i>Temos o programa “momento verde”, a qual doamos mudas do horto municipal aos clientes, buscando sensibilizar clientes e funcionários da importância da preservação ambiental.</i>

Fonte: pesquisa direta (2022).

Quanto às práticas de proteção ambiental, observa-se a dificuldade da empresa em adotar ações voltadas para o 3R's (redução, reutilização e reciclagem), devido a possibilidade dos materiais descartados estarem contaminados – algo inerente ao setor de laboratórios clínicos – todavia, a empresa compensa essa dificuldade por meio de parcerias com órgãos municipais.

Dessa forma, observa-se que a empresa busca atenuar sua degradação ao ambiente natural, conforme Dias (2017). Em seguida, os gestores foram questionados a respeito da ecoeficiência, abordando a função ambiental, as ações ecológicas e a escassez de recursos no ambiente. As respostas são evidenciadas no quadro 6.

Quadro 6 - Ecoeficiência

RESPONDENTE	RESPOSTA
X	<i>Investimentos em práticas colaborativas que incentivam a sustentabilidade, colaborações com o horto municipal e a autarquia municipal de trânsito, na quais buscamos mudas de plantas medicinais frutíferas e flores de jardinagem e doamos aos nossos clientes; também temos plantios de árvores nas nossas dependências, decoramos com flores naturais, incentivando nossos clientes a plantarem também.</i>
Y	<i>A empresa conscientiza funcionários a respeito da questão ambiental, inclusive com palestras, matérias executivos, visitas de colaboradores a locais de doação de mudas.</i>
Z	<i>Doamos mudas, incentivamos uma redução no consumo de água e energia elétrica, entre outros.</i>

Fonte: pesquisa direta (2022).

O incentivo ao plantio de mudas medicinais com o programa “momento verde” passa a sociedade a ideia de busca pela preservação ambiental, sendo a principal ação ecológica da empresa. Além disso, há um rigoroso cumprimento de normas ambientais, corroborando com o entendimento de Brito (2013) ao legitimar sua função social e gerar benefícios para a sua imagem.

Desse modo, ao divulgar e conscientizar amplamente sobre o tema, o laboratório reafirmando o papel da sustentabilidade como estratégia de sobrevivência de mercado (SEBRAE, 2022). Em seguida, os gestores são questionados a respeito da gestão dos resíduos sólidos produzidos no ambiente, evidenciando as respostas no quadro 7.

Quadro 7 - Gestão de resíduos sólidos

RESPONDENTE	RESPOSTA
X	<i>A empresa produz muito plástico e papel, sendo doadas uma quantidade muito pequena, cerca de 30kgs mensalmente para a Associação dos Catadores de lixo, onde eles vendem para empresas recicladoras, gerando renda para suas famílias. (...) Monitoramos a produção pela quantidade doada, mas não possuímos um sistema mais robusto para analisar essa produção de resíduos.</i>
Y	<i>Na pandemia também montamos projetos de reaproveitamento de resíduos sólidos, montando um projeto de reutilizar plástico e papel das áreas de recepção. Não utilizando de reciclagem, mas doamos para quem trabalha com reciclagem de papel e plástico.</i>
Z	<i>Temos como meta aumentar a doação de papel e plástico para catadores para 200kg mensais, ou 50kg semanalmente.</i>

Fonte: pesquisa direta (2022).

Conforme exposto, o laboratório não pode reciclar ou reusar boa parte de seus resíduos, todavia os descarta cumprindo regras rigorosas. Além disso, resíduos acessórios como papel e plástico são doados para catadores. Destes, no ano de 2022, o total de resíduos doados para reciclagem foi de 731,3 Kg, sendo 25% papelão, 28% plástico e 47% misto, convertidos em renda para os catadores. Simbolizando ainda, 6,7 árvores que deixaram de ser derrubadas e 1, 4 barril de petróleo que não foi extraído. Representando assim, um esforço considerável na redução do desperdício e na promoção de práticas mais sustentáveis. A correta destinação dos resíduos é vista por Pereira, Silva e Carbonari (2011) como uma forma de reduzir o dano ambiental, sobretudo quanto a proliferação de lixo.

Além disso, ao gerar renda para famílias, a dimensão social do *triple-bottom-line* também é trabalhada (ELKINGTON, 1994). Em seguida, os gestores foram questionados a respeito da gestão do risco ambiental, com as respostas evidenciadas no quadro 8.

Quadro 8 - Gestão de Risco Ambiental

RESPONDENTE	RESPOSTA
X	<i>Não monitoramos risco ambiental, mas classifico esse risco como médio, pois trabalhamos com materiais potencialmente patogênicos e os fracos de plástico não pode ser reutilizado nem reciclados devido a contaminações. Esse risco tem diminuído, pelos fornecedores comumente usarem embalagens biodegradáveis (...) não percebo pressões externas a respeito de risco ambiental, mas há uma preocupação da gestão com o risco ambiental que a atividade exerce.</i>
Y	-
Z	<i>Hoje a maior parte dos fornecedores já utilizam embalagens mais ecologicamente adequadas, ressaltando que não podemos reaproveita-las, desse modo, prezamos por um descarte correto. Além disso, cumprimos todas as regras legais.</i>

Fonte: pesquisa direta (2022).

Observa-se o cumprimento de requisitos legais que atenuariam o risco ambiental da empresa, todavia, o risco ambiental da empresa é classificado internamente como médio, devido a dificuldade de reaproveitamento de materiais e o uso de substâncias tóxicas. Interessante destacar que a empresa não se sente pressionada, embora Andrade e Castro (2018) apontem a existência de pressões sociais nas empresas em relação a ações ambientais. Ou seja, uma vez que esse risco remete a eventos danos ao meio ambiente conforme Bissacot e Oliveira (2016) é importante reduzi-lo ao máximo, conforme foi observado na empresa.

Por fim, os gestores são questionados sobre os retornos que essas ações geraram para a empresa. As respostas são apresentadas no quadro 9.

Quadro 9 - Resultados para a empresa

RESPONDENTE	RESPOSTA
X	<i>Traz diferencial competitivo, uma nova maneira de enxergar o mundo e a organização, pois essa, está preocupada com responsabilidade social, não estando focada apenas no lucro (...) O lucro vem acrescido de outros ganhos, e uma delas, seriam as práticas sustentáveis que o cliente consiga perceber que nós nos preocupamos com isso, porque cada vez mais ele busca empresas que se preocupam com Responsabilidade Social, gerando vantagem competitiva.</i>
Y	<i>Vejo como uma forma de engajar clientes e funcionários, além do retorno ambiental. Em relação ao plantio de árvores, o ambiente se torna mais arejado e agradável.</i>
Z	<i>Traz resultados não apenas financeiros, mas também ambiental, percebo que é algo agradável tanto para funcionários quanto para clientes.</i>

Fonte: pesquisa direta (2022).

Quanto aos resultados da adoção dessas ações para a empresa, percebe-se novamente associação entre as práticas sustentáveis bem-estar. Promovendo uma visão da empresa com

um objetivo maior do que apenas gerar lucros. Dessa forma, observa-se que a adoção de práticas sustentáveis é benéfica para a empresa, tanto para a legitimação social (SANTOS; WEBER, 2020), quanto para a redução de custos (FROEHLIC; BITENCOURT, 2016).

Por fim, os principais resultados são agrupados de acordo com as esferas do tripé da sustentabilidade (social, ambiental e econômico) proposto por Elkington (1994), conforme o quadro 10.

Quadro 10 - Práticas do laboratório e o tripé da sustentabilidade.

ESFERA	PRINCIPAIS PRÁTICAS
Social	- Parceria com catadores, geração de renda para esses grupos; - Doações de papel e plástico para reciclagem em geral; - Parceria com horto municipal e autarquia de trânsito;
Ambiental	- Momento verde, doação de mudas; - Rígido controle de materiais poluentes; - Monitoramento de fornecedores quanto às práticas sustentáveis; - Palestras de conscientização ambiental.
Econômica	- Melhora na imagem da empresa; - Redução de custo.

Fonte: pesquisa direta (2022).

Nesse sentido, observa-se uma concentração maior de práticas na esfera ambiental, demonstrando que a sustentabilidade ainda é muito associada a essa esfera, conforme defendido por Elkington (1994). Além disso, a maior parte das práticas é associada a normas legais, evidenciando a importância de o tripé da sustentabilidade ser contemplado pela legislação local.

5 CONCLUSÃO

O estudo atingiu seu objetivo ao analisar as práticas sustentáveis em um laboratório de Sobral – CE. Observa-se que as ações voltadas para a proteção ambiental, ecoeficiência, gestão de resíduos sólidos e de risco ambiental, percebendo-se um alinhamento com a dimensão ambiental do tripé da sustentabilidade. Além disso, foi notório que essas práticas trouxeram benefícios para a empresa, não se limitando apenas a melhoria da percepção pública, mas também à redução de gastos.

Nota-se que, os benefícios ocasionados pela adoção de práticas ambientais ultrapassaram os muros da empresa e sendo estendidos aos *stakeholders*. Um exemplo disso, foram os colaboradores que receberam treinamentos, proporcionando o desenvolvimento de habilidade. Todavia, ressalta-se como um ponto de atenção o fato de a empresa não possuir um monitoramento formal sobre os impactos ambientais de suas ações.

A principal limitação do estudo se dá por conta de ter sido desenvolvido em apenas um laboratório, o que não permite considerações mais gerais sobre as práticas sustentáveis. Além disso, a pesquisa ouviu apenas o gestor da área, impossibilitando a visão de outros profissionais da empresa. Todavia, o método de estudo de caso empregado permitiu um aprofundamento na análise das questões levantadas, sendo característico do modelo de entrevista.

Para futuros estudos sugere-se a aplicação da entrevista em outros laboratórios, sediados ou não em Sobral, a fim de permitir comparativos entre as práticas sustentáveis. Além disso, abranger funcionários não necessariamente ligados ao setor de sustentabilidade pode fornecer uma visão mais geral das práticas sustentáveis enquanto cultura da empresa.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. C; CASTRO, H. C. **A sustentabilidade empresarial e as relações públicas**. 2019. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Helder_Castro5/publication/330551188_A_SUSTENTABILIDADE_EMPRESARIAL_E_AS_RELACOES_PUBLICAS/links/5febca3692851c13fed38357/A-SUSTENTABILIDADE-EMPRESARIAL-E-AS-RELACOES-PUBLICAS.pdf. Acesso em: 14 abr. 2022.
- ASHLEY, P. A. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Lisboa: Edições70, 2016.
- BISSACOT, T. C. C; OLIVEIRA, S. M. A. C. Instrumento para o gerenciamento de riscos ambientais, **Eng. Sanit' Ambient**, v. 21, n. 2, p. 227-232, 2016.
- BONN, I; FISHER, J. **Sustainability – the Missing Ingredient in Strategy**. Disponível em:
https://www.anzam.org/wp-content/uploads/pdf-manager/1274_FISHER_JOSIE-123.PDF. Acesso em: 04 maio. 2022.
- BRITO, T. S. O. **Ecoeficiência e Reuso Hídrico**: Um estudo de caso em uma indústria gráfica. 2013. Disponível em: <https://administradores.com.br/producao-academica/eficiencia-e-reuso-hidrico-um-estudo-de-caso-em-uma-industria-grafica>. Acesso em: 05 mar. 2022.
- CORREIA, M. L. A; DIAS, E. R. Desenvolvimento sustentável, crescimento econômico e o princípio da solidariedade intergeracional na perspectiva da justiça ambiental. **Planeta Amazônia**, n. 8, p. 63-80, 2016.
- DIAS, R. **Gestão ambiental**: responsabilidade social e sustentabilidade. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- ELKINGTON, J. Triple bottom line revolution: reporting for the third millennium. **Australian CPA**, v. 69, p. 75, 1994.
- FERNANDO, J. **Corporativa Social Responsibility**. 2022. Disponível em:
<https://www.investopedia.com/terms/c/corp-social-responsibility.asp>. Acesso em: 04 maio. 2022.
- Freitas, N. C. O. Análise de práticas sustentáveis em um laboratório de análises clínicas. 59 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Bacharelado em Administração) - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.
- FROEHLICH, C; BITENCOURT, C. C. Sustentabilidade Empresarial: um estudo de caso na empresa Artecola. **Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 55-71, 2016.
- GALPIN, T; WHITTINGTON, J. L. Sustainability leadership: From strategy to results. **Journal of Business Strategy**, v. 33, n. 4, pp. 40-48, 2017.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**, 6. ed. - São Paulo: Atlas. 2016.

GLOBO. **Entenda o que é responsabilidade ambiental e saiba o que fazer para sua empresa se destacar.** 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/especial-publicitario/falando-de-sustentabilidade/noticia/2019/01/08/entenda-o-que-e-responsabilidade-ambiental-corporativa-e-saiba-o-que-fazer-para-sua-empresa-se-destacar.ghtml>. Acesso em: 11 abr. 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **O setor de serviços e o emprego na crise.** 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/radar/temas/servicos/381-radar-n-04-o-setor-de-servicos-e-o-emprego-na-crise>. Acesso em: 04 maio. 2022.

LACLISO. **Laboratório Clínico de Sobral: Histórico.** 2022. Disponível em: <http://www.laboratorioclinicosobral.com.br/interna.php?pagina=empresa.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

ORIADE, A. et al. Sustainability awareness, management practices and organizational culture in hotels: Evidence from developing countries. **International Journal of Hospitality Management**, v. 92, pp. 102-139, 2021.

PEREIRA, A. C; SILVA, G. Z; CARBONARI, M. E. E. **Sustentabilidade, responsabilidade social e meio ambiente.** São Paulo: Saraiva, 2011.

SACHS, I. **Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado.** Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, G. F; WEBER, A. L. Desenvolvimento Sustentável e Responsabilidade Social Empresarial: Uma Análise Entre a Teoria e a Prática. **Revista Desenvolvimento em Questão**, v.18, n. 51, 2020.

SEBRAE. **Como montar um laboratório de análises clínicas?.** 2022. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-um-laboratorio-de-analises-clinicas,2ce87a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD#apresentacao-de-negocio>. Acesso em: 27 abr. 2022.

SOUZA, M. C. S. A; ARMADA, C. A. S. Desenvolvimento Sustentável e Sustentabilidade: Evolução Epistemológica na Necessária Diferenciação entre Conceitos. **Revista Direito e Sustentabilidade**, v. 3, n. 2, p. 17-35, jul./dez 2017.

STOBIERSKI, T. **Types of corporate responsibility.** 2021. Disponível em: <https://online.hbs.edu/blog/post/types-of-corporate-social-responsibility>. Acesso em: 04 maio. 2022.

UILANI, C. D. Indicadores de sustentabilidade em medicina laboratorial. **Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial**, Sl, v. 47, n. 3, p.233-239, jun. 2011.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.